



entrevista com
cacai nunes

Entrevista com Carlos Eduardo Nunes Pinheiro (Cacai Nunes), músico. Nascido em Recife-PE, dia 17 de agosto de 1978. Entrevista realizada na sua residência, em Sobradinho-DF, dia 18 de setembro de 2018. Entrevistadores: Domingos de Salvi, Sara de Melo, Daniel Choma e Tati Costa.

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

[Toca na viola caipira a música instrumental “Depois da Sanfona”, de sua autoria].

Cacai: Eu nasci em Recife, cheguei em Brasília com cinco anos. Então já são trinta e cinco anos de Brasília.

Domingos: De Recife, você tem memórias?

Cacai: Ah, pouquíssimas. Assim, eu retorno lá, tenho umas lembranças ainda de infância... Mas desses primeiros cinco anos de vida quase nada, quase nada mesmo.

Domingos: Sua família veio pra Brasília?

Cacai: É, anos oitenta, aquela história de nova cidade, oportunidades... Minha mãe trabalhava no Banco do Brasil, então poderia pedir a transferência. Meu pai é formado em letras e direito, exercia também a profissão de advogado, mas é músico. Ele é pianista, então aqui também conseguiu uma acolhida boa, tocar e tal. Até hoje ele está tocando.

Domingos: Você tem irmãos?

Cacai: Tenho seis irmãos, nós somos sete. Só uma nasceu aqui, o resto tudo nasceu lá.

Domingos: Tem mais músicos no meio?

Cacai: Tem, tem um irmão que toca guitarra. Ele é bancário, trabalha no Banco do Brasil, mas toca guitarra, tem uma banda de pop rock e toca frequentemente. Ele tem tocado na noite aí de Brasília, mas não vive exclusivamente da música.

Domingos: E quando vocês vieram para Brasília, onde foram morar?

Cacai: Moramos no Plano Piloto, moramos na Asa Norte. Moramos dez anos em um apartamento na Asa Norte. Aí eu tenho muitas memórias, boas lembranças, que foi dos cinco aos quinze, fase de desenvolvimento pleno, de infância total. Dessa época sim, eu tenho boas lembranças, bons amigos ainda dessa época. Depois fomos morar no Cruzeiro, numa casa, que eu fiquei lá de 1994 até 2012, quando eu vim pra cá [zona rural de Sobradinho]. De 2012 até 2018 eu estou aqui.

Domingos: E nessa época da Asa Norte, como é que era essa Brasília em que você cresceu?

Cacai: Ah, a gente podia brincar embaixo do prédio, podia correr, gritar, tinha um vento danado! Era uma cidade muito menos desenvolvida, muito menor, você encontrava mais facilmente as pessoas que conhecia, do seu meio. Você as encontrava no trânsito de boqueira... E isso não é nem dos anos oitenta não, mais pra frente ainda, início dos anos dois mil: você ainda encontrava muita gente conhecida. Brasília cresceu demais, muita gente veio... Cresceu geograficamente também pra todo lado, muita casa pra todo lado, muitas formas de ocupação de espaços então desordenados. Então, a cidade até perde um pouco com identidade. Quer dizer, falando-se de Brasília, porque Brasília é um espaço dentro do Distrito Federal. Hoje em dia eu sou mais Distrito Federal do que Brasília. As minhas relações

cotidianas estão mais voltadas a Sobradinho. Claro, preciso de Brasília em função de alguns trabalhos, etcetera, mas nessa época era tudo mais verdadeiro. Eu não sei, estamos num momento em que a gente está em um choque ético, moral, uma falta de civilidade enorme. Então eu tenho um pouco de preguiça de grandes aglomerações de pessoas. Eu não sei o que seria de mim vivendo num apartamento com alguns vizinhos em volta de mim, sabe. Ultimamente eu estou mais gostando de plantas e animais, são o que tem mais me atraído. Agora que vai voltar a chover então, aí que vai ser mais gostoso ainda... Desviei um pouco do assunto, mas no fundo, no fundo... *[Risos.]*

Domingos: Vivendo aqui você presencia mais as estações, o cerrado?

Cacai: A seca é um período que a gente sente muito... Você vê: isso aqui é uma grama, isso aqui realmente foi plantado, a gente plantou essa grama, parece que não tem nada, agora está querendo rebrotar. Fica tudo muito esturricado, o ambiente muda bastante, os animais também se entocam um pouco mais. Mas eu fico pensando, se aqui está assim, imagina na cidade o tanto que é sufocante, com o tanto de concreto e o tanto de carro... Mas aqui a gente consegue sentir mais a chuva. Às vezes estou aqui num silêncio desse e falo: “a chuva vai passar batido...” Ela passou batido. E às vezes você ouve, num silêncio desse tão grande, você ouve a chuva chegando assim: “chhhhhhhhh... Chhhuuu...” E de repente ela está aqui do lado. E às vezes você a vê passando e olha no horizonte, ela está lá na frente... É outra relação com você mesmo e com o ambiente em que você vive, ocupa, com os animais e tal.

Domingos: E isso tem a ver com viola?

Cacai: Tudo, né! Como não? A viola é um instrumento que participa dos momentos de colheita, dos momentos de sofrimento, dos momentos de paixão, dos momentos de felicidade... E de tristeza também. Permite também aflorar todos esses sentimentos e a criatividade, claro, potencializa. Ultimamente, até em função das lidas familiares e etcetera e correrias, a minha criatividade está um pouco estagnada. Tenho uma liberdade grande aqui em termos de horas e funções, etcetera, mas pra você criar você precisa desapegar de muita coisa. E as correrias ultimamente não estão me permitindo. Mas esse lugar aqui, ele é criativo por si só. Você já se desconecta, esquece um pouco as loucuras do dia a dia e se permite a criar e recriar sempre.

Domingos: Nas suas músicas, como o cerrado aparece? Você se inspira no cerrado?

Cacai: Sim, tem encontros e situações aqui que me fazem criar. No meu segundo disco, que foi gravado aqui... Inclusive, o segundo e o terceiro foram gravados aqui... Mas no segundo foi mais interessante o processo de gravação, porque a gente ficou bem enfurnado aqui. A gente fez uma imersão no disco: foram seis dias de gravação ininterruptos, gravando de dez da manhã até oito horas da noite, dez horas da noite. Nesse disco tem músicas que mostram mesmo a minha relação com esse espaço. O nome do disco é “Casa do Chapéu” que é exatamente o nome desse lugar. Tem a música “Lobo Guarânia”, que foi em função dos encontros que eu tive aqui nessa estrada de terra por onde vocês vieram. Um lobo guará

que eventualmente apareceu aí, três vezes ele apareceu, não sei se é o mesmo... Algumas vezes eu tive essa felicidade de encontrar lobo guará. Aqui tem muita siriema, tem cobra, tem escorpião... Porque eu estou no ambiente deles, não é? Tem sapo... Tem um sapo que mora ali que o bicho é desse tamanho assim, parece uma lajota, o bicho. É um sapão cururu. Então, tudo isso entra nessa viola e sai em forma de música, com essa sonoridade incrível desse instrumento.

Domingos: Pode tocar um pouquinho esse cerrado aí?

Cacai: Vou tocar o “Lobo Guarânia” então...

[Toca na viola caipira a música instrumental “Lobo Guarânia”, de sua autoria.]

Domingos: “Lobo Guarânia”...

Cacai: “Lobo Guarânia”!

Domingos: Guarânia e choro juntos? Como que é isso aí?

Cacai: É... Em função desses três encontros com o lobo guará, eu fiz uma música em três partes. Então ela tem uma estrutura mesmo de choro assim, bem característico do choro. Começa a música numa tonalidade menor. Depois na parte B, é tocada duas vezes a primeira parte, depois na parte B duas vezes numa tonalidade da relativa que é fá maior. Volta uma vez pra parte A, aí passa pra duas vezes na parte C. Que é a mesma estrutura presente num choro mesmo. Aí depois duas vezes na C, ela volta pra terminar uma vez na A e finaliza. Cara, você vivendo em Brasília agora há alguns anos, você está vendo que a cidade é uma cidade misturada, e que não há uma única característica que você pode afirmar em termos culturais, em termos musicais mesmo. É uma cidade que tem muita gente de todo canto do país e que muita coisa acontece em função disso. Eu sou um nordestino criado em Brasília que não tenho vivência alguma na música caipira e resolvi tocar um instrumento que é a síntese da música caipira - na afinação ainda dos caipiras. Poderia muito bem ter ousado e ter tocado, por exemplo, na afinação natural do violão. Mas assim que eu saí do violão e da guitarra... Eu nunca estudei violão, foi tudo bem de ouvido e eu estava realmente atrás de um instrumento novo, de algo novo. Então eu embarquei no Cebolão mesmo. E esses encontros com pessoas de diversas vivências me possibilitou ter também uma diversidade dentro da minha música que não me rotula nem como um chorão, que eu realmente não sou, nem como um caipira, que eu também não toco música caipira tradicional. Não tenho dupla, nunca formei dupla, não é da minha vivência, apesar de adorar, de gostar e de conhecer um pouco, não é essa a minha praia. Também convivi e vivo convivendo com muita gente que, quando eu estava começando a tocar viola, sempre tocou choro. Então a minha interação musical com outros músicos se deu em função de rodas de choro. Quando eu estava começando a tocar viola, tocava um repertóriozinho pequeno e tal... E tinha muita roda. Os amigos todos na roda, eu penso: “bicho, tenho que entrar junto, entrar nessa parada aí porque senão não vou tocar com ninguém, ou vou tocar outras coisas que não é da

galera, entendeu?” E era muito eufórico, era todo mundo interagindo junto, todos os instrumentistas, violão, cavaquinho, pandeiro, flauta, clarinete, trombone, sanfona, bandolim... E tinha que ter uma viola lá. Resolvi estudar uns choros, resolvi entender um pouco desse contexto musical, dessa praia que é complexa pra caramba. E é complexa para o instrumento, mas o instrumento precisa ter esse desenvolvimento musical em outros gêneros, em outras praias, entendeu? Eu vejo isso assim. O instrumento, ele não pode... Não sei, é complicado porque quando você fala de viola, o tradicional é sempre muito pé no chão... E eu sou mais pé na estrada, digamos assim, sabe? Eu acho que a gente tem mais é que misturar as coisas. O instrumento, ele não chegou aqui caipira, ele chegou aqui de uma forma e se caipirizou, digamos assim. E também se nordestinizou lá no nordeste. E no Paraná é fandango... Eu acho que Brasília me possibilitou ser um pouco dessa mistura, sem ser nem um nem outro.

Domingos: Você acha que essa diversidade na viola também contribui para as pessoas se interessarem mais pela viola?

Cacai: Eu acho que sim, eu acho que de uns dez anos pra cá é uma outra geração que está se apropriando do instrumento e fazendo coisas interessantes com outras visões, digamos assim. Quando fiz aquele trabalho “Um Brasil de viola”, eu entrevistei muita gente, foi em 2010. O Vinícius Muniz, lá de Campinas, que agora está em Barcelona, falou um negócio muito interessante na época. O que precisa para o instrumento realmente ter uma projeção cada vez maior, é compositores de outros instrumentos fazerem música pra viola. Porque a viola, a gente sabe disso, ela te permite coisas fáceis. Primeiro que o acorde está pronto. Então você abordar um instrumento com corda solta é banal, a gente sempre faz isso. Então acaba que a gente cai numas armadilhas que a gente mesmo criou e que o som do instrumento fica, às vezes... Muito igual, entendeu? Então eu busco também essas coisas de tocar em várias tonalidades, pra gente poder ter campos harmônicos vibrando diferentemente no instrumento. Porque às vezes você faz o instrumento e o luthier vai falar: “eu fiz essa aqui pra Cebolão em Ré, essa aqui eu fiz pra Cebolão em Mi porque vai soar melhor...” Cara, o instrumento, ele tem que ser universal, entendeu? Ele não pode ser: “ah, eu fiz com o trastezinho torto aqui porque achava que você era um caipira e os caipiras gostam...” Gente, a gente tem que fazer música pra se misturar, não pra se restringir a um nicho. Então eu vejo que o instrumento ganhou bastante nos últimos anos, muita gente nova estudando pra caramba. Essa coisa do choro é uma realidade que realmente amplia as possibilidades do instrumento. Não que tocar essencialmente choro vai ser fundamental, mas você entender um pouco dessa realidade do choro faz com que você toque vários tipos de música. Porque o choro é base pra muita música no Brasil. Pro samba, pro forró, pro samba-canção, mesmo pra música caipira. Você vê coisas de Cascatinha e Inhana com regional por trás, um violão, uma sanfona, entendeu? Que você fala: “bicho, essa galera que está tocando com eles é de uma vivência universal”. É músico de estúdio que ficava ali pronto pra gravar o que viesse. O cara gravava um disco em oito horas e saía com o disco pronto em oito horas, entendeu? Sem muito choro, sem muito sofrimento... “Ah, preciso

estudar mais...” Não! O cara chega na hora e faz. Essa base que os violeiros precisam, que eu acho que é importante pra turma da viola. Precisa mergulhar no choro porque realmente é um negócio difícil pra caramba e eu sei que é difícil. Tocar brasileiro na viola é legal? É legal, mas não vai soar tão interessante como quem está tocando com palheta, como quem está tocando numa sanfona... A gente tem que buscar músicas, dentro desse universo de choro, por exemplo, que a gente toque viola no choro. Que soe, a gente ouça e fale: “caramba, é uma viola!” Não é um cara tocando choro pra ser igual bandolinista X, Y ou Z, entendeu? Então essa vivência de choro pra mim foi bacana por isso. Outra vivência foi a de baile de forró, que a gente fez muitos anos tocando com banda e a banda não tinha sanfona, então era eu quem fazia as introduções. Largava as introduções pro cantor e o cantor cantava em tudo que era tom. Não tinha essa: “ai, não, deixa eu botar capotraste...” Esse negócio de capotraste, nunca usei um capotraste na minha vida! Sabe, acho que esses calos que a noite me deu me possibilitaram perder certos vícios de viola que são armadilhas que a gente mesmo cria pra gente, porque o instrumento faz isso aqui sozinho: *[dedilha com as cordas soltas na viola.]* Não precisa nem... Sabe? Então toco em Fá menor, toco em Si bemol, manda o tom e a gente estuda a música no tom do cantor, porque é o cantor que manda nesse caso dos bailes que a gente fazia.

Domingos: Hoje em dia, um assunto bastante falado é a formação: a viola entrando em diversas escolas de música. E em Brasília a gente tem o primeiro curso de viola numa instituição formal. Gostaria que você falasse da sua formação musical e o seu caminho na Escola de Música de Brasília, a importância do curso de viola...

Cacai: Então... Eu não tenho curso superior. Eu terminei meu segundo grau, na época era segundo grau, hoje em dia é ensino médio. Terminei com dezesseis anos e já trabalhava num banco. Então achava que não precisaria, porque eu tinha um emprego certo, relativamente estável, era um banco privado e eu desenrolava muito bem, fazia as coisas. Comecei como contínuo e com dezesseis anos já estava no caixa do banco, algo que é impensável hoje em dia, um moleque com dezesseis anos num caixa de banco. E fiquei lá até os vinte. Mas ainda não era músico, eu tocava, mas não era uma realidade presente pra mim. Eu fazia vestibular e não ia nem olhar resultado, entendeu? Não estava muito interessado. Eu fazia porque os pais queriam que eu fizesse, mas eu fazia de conta que não passava. Mas eu nem ia olhar, nunca olhei resultado. Acho que olhei um ou outro na UnB, mas as faculdades particulares que porventura eu possa até ter passado eu nunca olhei, confesso que nunca olhei. Então eu comecei a estudar música mesmo com 23 anos na Escola de Música. Nesse tempo, entre meus 18 e 23 anos, tive uma banda meio rock alternativo, tocava guitarra, lançamos CD, viajamos um bocado e tal. Mas eu não tinha nenhum conhecimento formal de música assim, era tudo bem de ouvido, na tora mesmo. E comecei a estudar na Escola de Música em 2001, com 23 anos. Aí sim que foi essa transição de violão e guitarra pra viola. Eu desapeguei completamente de violão e guitarra e peguei viola e comecei a entender partitura, comecei a entender ritmo, leitura rítmica. Cifras eu já entendia um pouquinho, mas consegui me aprofundar mais. E também estudei com o Alencar Sete Cordas lá na escola de choro [Clube

do Choro de Brasília] um pouco depois, que também já me deu uma outra percepção. É muito importante para os violeiros estudar com professores de outros instrumentos, porque são vivências diferentes. Então nesse caso do Alencar, como ele era um violonista sete cordas, ele era um cara desses que eu falei “de regional”. Pronto pra tocar com qualquer pessoa, pra fazer qualquer tipo de música. Então é muito interessante esse tipo de bagagem pra gente, porque nós temos esses vícios de instrumento, de tocar sempre em Ré, tocar em Mi, ou tocar em Sol. Porque as afinações são primas ali, as tonalidades. Então foi muito interessante. Aí eu fiquei na Escola de Música, entrei em 2001 e fiquei quatro anos lá. O curso tinha sete anos de duração... Eu não tive paciência, sabe? Acho que nunca fui um cara muito de escola assim, de sala de aula. Cheguei a estudar com o Roberto Corrêa. O Roberto falou: “Cacai, eu posso te formar já como instrumentista, mas você tem que terminar o curso teórico”. Eu falei: “ah, Roberto, não tenho a pilha, não estou a fim de ficar assistindo aula de história...” Hoje até acho que tenho umas curiosidades que poderia ter sanado se tivesse estudado isso, mas na época eu não queria estudar história da música. E os professores também não me agradavam muito... Então eu larguei. Então o meu estudo, eu posso dizer que foi bem mais por conta própria. Até por conta desse universo de choro, de tocar forró e de tocar outras coisas. Eu tive que usar bastante o ouvido e buscar entender um pouco de técnicas e aplicar ao instrumento. E sofrer muito e ralar... Mas assim, professores mesmo, foram poucos.

Domingos: E essa vivência com o Roberto [Corrêa] nesse período, como foi?

Cacai: Pô, foi bom pra caramba! Durante muitos anos, uma das coisas que me levou a tocar viola foi ter usado a bicicleta como meio de transporte, quando ainda morava na cidade. Eu fiz uma viagem bem longa de bicicleta há vinte anos atrás, que foi de Natal no Rio Grande do Norte, o objetivo era chegar em Brasília. Eu fiquei aqui em Bom Jesus da Lapa, na Bahia. São seiscentos quilômetros daqui de Brasília. Eu andei dois mil e quatrocentos quilômetros. Um colega que veio comigo, ele ainda completou sozinho, mas eu realmente tive um mal-estar que não permitia. E aí você associa a questão física com questão psicológica, aí a cabeça não responde mais, então eu parei. Mas eu comecei a usar muito a bicicleta como meio de transporte pra tudo que resolvia. Não tinha dinheiro pra nada, tinha um carrinho, um fusquinha que depois bateu o motor, porque não trocava óleo. Eu não tinha dinheiro, então eu usava só bicicleta. E nisso eu conheci o disco “Uróboro”, do Roberto Corrêa. E ficava ouvindo numa fita ainda... Aonde andava de bicicleta eu ia ouvindo esse disco e meditando. E ouvindo, pra lá e pra cá e ouvindo, ouvindo... Eu falava: “cara, que sonoridade!” Então passei a admirar, conhecer a viola mesmo, em função desse disco. Depois fui saber que o Roberto dava aula na Escola de Música, aí eu fui atrás. Ele estava de licença na época, estudei com o Marcos Mesquita durante um tempo. Estudei acho que um ano e meio talvez com o Marcos. Fiz uns cursos de verão com o Roberto Corrêa e aí passei a tocar aquelas músicas que até então eu só ouvia e conhecia e meditava pedalando. Pedalando muitos quilômetros por dia, cem, cento e cinquenta... Até cento e noventa quilômetros por dia. E aí passei a estudar essas músicas. Depois eu passei a trabalhar com o Roberto, fiz a revisão de

um dos livros dele, daquele de composições que tem essas músicas também. Então, pô... O Roberto é uma baita de uma referência pra qualquer pessoa que queira tocar viola. Pra qualquer pessoa que queira entender essas coisas que circundam a história da viola. E essa parte também de pesquisador, de ir atrás das referências mais rurais, de ir atrás de pessoas que são importantes em certas tradições... Isso também foi muito legal pra abrir a cabeça, entendeu? Porque ele é um cara que o que ele tem de pesquisa eu tenho de idade. Calejadíssimo, que tem entendimento, é um cara super metódico. Ele tem o formato dele de trabalhar, então de certa forma eu entendi isso, que é importante você ter a sua forma de trabalhar, aprender com outras pessoas, claro, mas você estabelecer ali as suas metodologias. E ele é muito importante nessa minha trajetória. Com certeza eu devo muito às coisas que ele... Que eu pude aprender de viola, de toques e de ritmos e de técnicas.... Muito... Muita coisa foi de tocar as músicas do Roberto. Que já cheguei a tocar quase tudo dele, mas a gente vai ficando mais velho e esquece de tocar as coisas! *[Risos.]*

Domingos: E o fato de ter um curso de viola caipira na Escola de Música de Brasília, você acha que isso também estimula as pessoas a tocarem viola aqui?

Cacai: Eu acho que sim. Pra falar a verdade eu estou bem desinformado de como estão os ciclos dos alunos na Escola de Música ultimamente. Mas eu acho que Brasília é uma referência enorme porque aqui você tem o Roberto Corrêa, você tem Zé Mulato... Tinha uma dupla muito interessante também que se desfez, o Kleuton e a Karen, que chegaram a ganhar Prêmio da Música Brasileira também. Era uma dupla muito interessante, ele tocava muito, não sei se ele ainda toca, mas ela ainda toca, tem o trabalho dela. Tem o próprio curso na Escola de Choro que fui eu que criei e que, apesar de ser uma belíssima iniciativa que eu tive, é quase uma utopia. Porque sei que tocar choro na viola não é fácil. Então às vezes a pessoa entra lá achando que vai tocar música caipira e na verdade é uma escola de choro. [Na Escola de Choro] eu sei que o Pedro [Vaz] focou bem mais na música caipira porque senão ele realmente não ia conseguir dar desenvolvimento ao curso. Mas hoje em dia eu amadureci um pouco mais e acho que existem formas de a gente conseguir aplicar as coisas de choro dentro da música caipira, pelo menos dentro dos ritmos. E oferecer um desenvolvimento do instrumento para essas pessoas que não precisa ser tocando choro, pode ser tocando outras coisas que estão mais ligadas à viola, entendeu? Eu também não sei como está agora com o Vitor [Mesquita]. A gente conversou um pouco, ele queria pegar umas referências, umas dicas, umas ideias e tal... Acabou que ainda não aconteceu, mas posso passar. Eu acho que isso de Brasília ter Goiás e Minas Gerais em volta potencializa essa coisa da viola, porque tem muita referência em volta. Tem gente que aprende a tocar em função de coisas da família, laços da família, também são daqui de perto. Então eu acho que Brasília é um território goiano e mineiro e com um potencial enorme de violas e violeiros. Você, [Domingos de Salvi], está aí agora também... Tem o Pedro [Vaz], tem o Fábio [Miranda], o Marcos Mesquita, Roberto, Zé Mulato... Nossa Senhora, o Zé Mulato, gente! Zé Mulato até hoje está aí. Roberto Corrêa... Então com certeza a gente tem... Dá pra tirar uma onda né!? *[Risos.]* Só com esses dois aí a gente já tira uma onda!

Domingos: E o próprio Cacai...

Cacai: Ah, nós somos peixe pequeno!

Domingos: Depois você também foi para esse universo da pesquisa. Conta pra gente um pouco o que te motivou a fazer o “Brasil de Viola”, como foi essa experiência?

Cacai: Eu ficava assistindo as aulas de musicologia brasileira, que o Roberto fazia na Escola de Música [de Brasília], os cursos de verão. Eu ficava intrigado e falava: “caramba gente, tem muita coisa que a gente precisa conhecer, tem muita coisa que a gente precisa entender das nossas matrizes culturais, principalmente essas que são voltadas ao instrumento”. Como eu disse, aqui em Brasília a gente está dentro de um território que em volta tem muita referência, tem muita informação. E todo ano, o ano inteiro tem festividade em que a viola está presente. Então surgiu uma oportunidade de uma bolsa da Funarte, um edital e eu me inscrevi nesse edital com a ideia de ir nesses lugares, nos lugares aonde tem viola... Quer dizer, nem posso ser uma referência única porque eu também não tinha condição de ir em todos os lugares desse território enorme que é o Brasil e conseguir entrevistar todo mundo. Ficou muita gente de fora? Claro que ficou muita gente de fora, mas consegui colocar muita gente interessante. Eu precisava desse tipo de vivência pra poder entender um pouco desse universo de viola e não ficar restrito única e exclusivamente a Brasília. Essa cidade misturada, cheia de gente... Mas sem um pouquinho de tradição dentro de mim, entendeu? Então eu fiz isso exatamente pra poder ter esse conhecimento, um pouco de entendimento de cada vivência de cada pessoa que tinha esse instrumento como uma parceira, uma ferramenta de informação ou uma ferramenta de ensino em alguns casos. Como por exemplo, pro João Paulo Amaral, que também é professor, acho que o primeiro professor numa escola superior. Então, consegui entrevistar algumas pessoas que inclusive já não estão mais entre a gente, grandes mestres de viola machete, viola nordestina, viola caipira, viola de cocho, viola de fandango. Então fui a nove estados... Tem violeiros de nove estados, de todas as regiões do país, Norte, Sul, Centro-Oeste, Sudeste, Nordeste. Eu fui e registrei na Paraíba, em Pernambuco, na Bahia, aqui no Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, São Paulo e Paraná. Então são nove estados. Eu só não fui no Tocantins, que é pra mim é muito mais centro-oeste do que Norte, mas é Norte. Mas eu registrei um grupo do Tocantins aqui em Brasília que estava participando do Encontro de Folia de Reis, é o Grupo de Folia de Reis de Chapada da Natividade. Nesse trabalho a gente passou seis meses viajando. Quer dizer, não foram seis meses direto, mas nesses seis meses a gente apurou aí um trabalho como esse que você está fazendo de áudio, vídeo, fotografia. E focado única e exclusivamente na internet. A internet na época estava se expandindo, muita informação rolando, hoje então, nem se fala, mas na época estava bacana. Então até pra não ter nenhum envolvimento comercial com as pessoas, porque aí teria que haver uma negociação bem diferente - e não havia realmente recurso pra isso, pra ter um acerto financeiro, nada disso. Porque eu também sempre gostei muito de divulgar as coisas que eu faço na internet. Eu acho que é uma ferramenta que te leva pra todo lugar. E aí eu disponibilizei todo esse material na internet. No You Tube, no caso, quem procura por “Um Brasil de Viola” vai achar

violeiros de todos esses lugares que eu falei. E também tem um site, tem um blog: umbrasildeviola.blogspot.com, onde tem fotos, acho que tem as gravações em áudio também. Então, eu posso dizer que eu registrei ali um momento de como as pessoas abordavam a viola. Algumas pessoas já não vivem mais entre a gente, mas deixaram ali uma contribuição. Então acaba sendo um documento mesmo histórico. Uma hora eu vou passar, nós vamos todos passar, isso aqui é um documento. Então, quanto mais a gente conseguir deixar esses tipos de referências para outras e outras gerações, eu acho superimportante. Afinal de contas nós somos um país, nós vivemos num país que não cuida de sua memória, haja visto aí o incêndio que teve no Museu Nacional - pra ser feita na caveira mesmo, falar logo desse... Mas quero dizer que a gente não se preocupa muito com isso, com os mais velhos ou com histórias dos mais velhos, com as vivências de outras pessoas. Eu quis deixar um pouco essa contribuição dessas vivências distintas, todas elas voltadas a um instrumento que também é um instrumento que tem muita memória, mas uma história recente. Como você falou, de curso na Escola de Música, o primeiro foi em 1986. O Roberto escreveu o primeiro livro em 87, 88... Sei lá, 86... Década de 80. Mas é tudo muito pouco para o tamanho desse instrumento dentro desse grande território. Então acho que cada um fazendo um pouco a gente vai deixando aí pequenas contribuições.

***Domingos:* No mundo da viola a gente fala bastante da presença dos mestres... O que você acha que é fundamental do que os mestres ensinam?**

Cacai: Ah, são coisas muito sutis, não é? São coisas muito sutis... Não sei se eu saberia te explicar. Eu acho que na verdade é algo que a gente vai saber lá na frente, quando a gente tiver a idade dos mestres. Quando a gente tiver os calos dos mestres, entendeu? Eu não sei se eu tenho capacidade pra poder traduzir em palavras... São pequenas coisas do cotidiano de cada um. Falando de território e da relação do instrumento com o território, da relação do instrumento com a natureza, da presença de chuva, da seca, da fartura ou da perda de uma colheita, entendeu? Eu acho que essas coisas que a gente não vive, às vezes... Quer dizer, nós vivemos cada um no nosso mundo... E eu acho que é importante a gente romper esses nossos vícios também, essas nossas, talvez até uns preconceitos, uns conceitos pré-estabelecidos. É como diz um compositor brasileiro, Hekel Tavares, ele fala mais ou menos assim: "se tem um conselho que eu daria aos compositores brasileiros é: tirem os sapatos e pisem no chão". Entendeu? Acho que é um pouco disso, da gente poder pisar em outras terras. E da gente entender um pouco a vivência dos outros e como a viola participa nesse cotidiano deles. Como é a relação de cada um com a viola ou com o instrumento: se é pra festividade ou se é pra ensinar; se alguém ensinou, como é que foi pra aprender. Enfim, cada um tem uma relação diferente e isso que surpreende mesmo. Nesse mundo moderno, são pequenas coisas que a gente às vezes deixa passar e é importante ali tentar fisgar, nem que seja em duas horas de entrevista, em uma ou duas horas. Porque realmente poucos foram os que eu pude conviver mesmo, de ter relação. Por mais que sejam documentos interessantíssimos, foram registradas duas horinhas de conversa, três no máximo. Então às

vezes nem é o tempo suficiente pra você ter uma percepção completa disso, de cada um, enfim...

Domingos: Quer tocar alguma coisa a mais?

Cacai: Tocar um negócio aqui, não é?

[Toca na viola caipira a música instrumental “Suíte Altos e Baixos”, de sua autoria].

Domingos: Qual é essa?

Cacai: Essa chama “Suíte Altos e Baixos”. A primeira foi “Depois da Sanfona”. Depois o “Lobo Guarânia” e essa aqui, “Suíte Altos e Baixos”.

Domingos: E a motivação para se gravar um CD, um disco, como é para você isso? Você fez três discos, não é?

Cacai: Fiz três.

Domingos: Como que foi cada um?

Cacai: Fiz três, já tem um quarto. Estou já pensando num quarto e num quinto já assim, já... Cara, bom, eu gravo aqui, não é? É cômodo, mas ao mesmo tempo não é tão simples porque você cria certas... Certas comodidades dentro desse seu comodismo! *[Risos.]* Quer dizer, tenho tudo ali, tal, então às vezes eu vou adiando. Ah, está tudo ali mesmo, então eu vou adiando, não vou gravar hoje não, amanhã eu gravo... Amanhã não gravo, gravo depois... Então tem isso assim, tem uma zona de conforto, digamos assim, em função de ter o estúdio em casa. Tem o equipamento todo, tal, eu posso estar gravando aqui, olha que beleza, um silêncio desses... Quando os cachorros latem que dão um trabalhinho... Mas, assim: o primeiro CD foi mais bem elaborado. No meu primeiro disco eu fiz uma pré-produção, gravei umas coisas antes pra ver se ia funcionar mesmo em estúdio. O segundo já foi um parto, foi um intervalo de sete anos entre um e outro. Trabalhei demais nesse intervalo, viajei muito, fiz muita coisa. Nesse tempo também fiz o “Um Brasil de Viola” e comecei o programa na rádio. Então comecei a criar outras atividades paralelas a tocar e isso acabou me prejudicando um pouco nesse sentido de gravar. Começava a gravar e parava, exatamente essa zona de conforto. Começava a gravar, depois de duas semanas, três semanas, voltava a gravar e depois disso já mudava, já não ficava muito satisfeito. Foi quando eu falei: “cara, só vou gravar esse disco se eu ficar aí cinco dias, seis, uma semana enfurnado nele e sair pronto”. E aí eu contratei um baita de um produtor e técnico, um superamigo, um profissional assim de primeira qualidade que é o André Magalhães. Já gravou centenas e centenas de discos nessa temática assim, nessa pisada de ficar enfurnado e gravar ao vivo todo mundo tocando junto. E aí a gente fez isso. Gravou todo mundo tocando junto e complementou outras coisas depois e tal, mas em geral a base do disco é todo mundo tocando junto, que é outra coisa, é outra realidade assim. É você realmente fazer música dentro de um disco. Ou você faz música dentro de um disco, ou você faz um disco com

músicas. E isso tem uma baita de uma diferença. Exatamente por ter começado a fazer e depois para: “lalalá”... Desse jeito eu estou fazendo um CD com algumas músicas lá dentro. Mas você fazer música mesmo, você tocar junto, você interagir, quando você tem outros músicos tocando com você... Se você puder optar por isso eu acho muito mais interessante. Isso eu aprendi com o próprio André. E aí o terceiro disco também já foi assim, gravado todo mundo tocando juntos. Não foi nessa pisada de uma vez, mas a gente vinha gravava três músicas num dia, depois outro dia gravava mais três músicas. Ouvia, se precisava refazer alguma coisinha refazia, uma besteirinha aqui, outra besteirinha ali, mas a base do disco, a essência mesmo é tocando junto, é música. Dá um resultado completamente diferente. Às vezes você pode até botar o metrônomo ali como um orientador, tal... E acho até interessante mesmo, mas o resultado é muito mais orgânico, entendeu? Até os erros passam batidos... Foi muito tranquilo. Então hoje em dia eu estou nessa pisada de se for pra tocar outros músicos, dar uma ensaiada boa e passa já valendo, vamos gravar. Porque é assim que era feito. Por isso que eu sou um louco pelos vinis, pela música que era feita antigamente, porque os caras faziam música, bicho! Os caras sentavam a bunda no estúdio e só saía de lá com o disco pronto. E você ouve a galera tocando pra valer mesmo, não tinha photoshop na música, não tinha... Como é que chama? “Edward mãos de tesoura”! Que você sai picotando a música... “Refaz só aquela notinha?” Então vai fazer aquela notinha... *[Faz uma nota na viola.]* “Foi? Beleza.” Eu acho isso... Aí chega na hora de tocar ao vivo o cara... *[Risos.]* Sabe? Então eu estou planejando fazer um disco ainda esse ano, o ano está acabando, mas eu vou tentar fazer um disco mais solo de viola mesmo, no máximo uma ou outra participaçãozinha... Bem autoral. E pro ano que vem um outro disco, talvez, não sei, numa outra pisada mais forró, com banda e mais dançante, sabe? Mas eu quero ver se eu consigo já fazer um outro, agora esse a partir de outubro, novembro, tal, quando as coisas melhorarem um pouco aqui. Agora voltei com caseiro, o caseiro está começando a cuidar da chácara, a obra está quase acabando ali e a cabeça está começando a voltar pro lugar um pouquinho. A coluna está destravando... *[Risos.]* Então a gente volta a recriar....

Domingos: No CD “A Casa do Chapéu” você tem um encontro ali de viola com atabaques. É do candomblé?

Cacai: É...

Domingos: Isso foi uma coisa que foi surgindo no decorrer?

Cacai: Não... Então... Eu sou confirmado no santo também, não é? Eu tenho uma vivência quase de vinte anos aí de música afro-brasileira, de terreiro. Começou sendo umbanda, aí de uns anos pra cá... Já tenho dez anos de feitura no candomblé. Passei por todo o ritual, por aquele recolhimento... Tenho um pouquinho de conhecimento da música do terreiro também. Então é algo que já está aqui na minha cabeça já há um tempão. Toco atabaque, toco bem umas coisinhas e tal... Muita coisa a aprender ainda também, mas consigo desenrolar umas coisas... E fiz algumas músicas na época desse disco do Casa do Chapéu, fiz algumas músicas que eu julguei ser interessante ter essa relação aí de viola com tambores,

sabe? Que é algo muito comum talvez na Bahia, no samba de roda, lá com a viola machete e os sambas. Samba chula também, que é uma variação do samba de roda, mas é um negócio que soa muito bem, pelo menos pras músicas que eu fiz. Achei que ficou uma coisa bem interessante, os timbres casam, quer dizer, ritmicamente as músicas pediam algo percussivo. Então a gente colocou essas coisas lá...

Daniel: Se pudesse tocar alguma coisa...

Cacai: Posso, mas soa diferente porque não tem os tambores. Fica faltando os tambores. Sem os tambores fica... Mas eu toco, eu já havia pensado em tocar uma delas. Então vai, essa aqui se chama “Sopro”

[Toca na viola caipira a música instrumental “Sopro”, de sua autoria.]

Domingos: Como é sua relação com o meio ambiente? Aqui é sua casaco que você sente que é importante pra você no ambiente?

Cacai: Cara, então... Eu ando tão cansado da cidade ultimamente que eu até pensei em me mudar. Eu penso: “pra onde eu for certamente vou ter como me desenrolar na minha atividade”. Vou poder fazer meu forró, vou poder fazer meu programa à distância e tal. A única coisa que me prende é exatamente essa casa aqui. A única coisa que não me faz sair daqui é viver nesse lugar aqui. Porque realmente é uma conquista. É meu. Está do tamanho que eu queria, tem uma terra virgem aí pra trás ainda intocada, tem muita fruta do cerrado, inclusive aqui é um pé de araticum. Agora não está florindo, mas eventualmente tem uns frutos. Então eu preservei - a maioria dessas árvores que tem aqui são nativas do cerrado. Ainda enfiei mais árvore aqui, tem essa aroeira aí, tem sete copas africana, pé de louro, laranja, pequi... O que tem de pequi aqui é incontável. Então na época de pequi eu congelo e como pequi o ano inteiro. Então pra mim, viver num lugar desse aqui é um luxo. Você tem uma cidade se matando lá pra baixo lá, o povo se engalfinhando no trânsito... Quando eu tenho que pegar o trânsito daqui pra lá é uma luta porque é uma BR e parece uma disputa, sabe? Assim, é um povo impressionante... Eu até tenho um carro que é imponente, é um carro grande, alto, tal. Mas falo: caramba gente, vocês ficam se matando por besteira. Isso aqui tudo é passagem, daqui a pouco ninguém vai estar, vai todo mundo virar pó. E o povo fica se matando. Então eu tenho me escondido aqui mais do que tudo pra poder exatamente filtrar um pouco dessas... Quer dizer, blindar talvez seja a palavra... Apesar que a internet também é outro território bonzão pra isso. Mas só de estar num ambiente desse aqui pra mim é revigorante, sabe? O sono muda completamente, a alimentação. Voltei a plantar minhas coisas que gosto de comer, rúcula, pimenta, tem um bocado de coisa que eu voltei a plantar. Então, abóbora, daqui a pouco vai estar cheio de abóbora. Eu como abóbora, banana... Se quiser uma banana tem uma banana deliciosa ali. Então é assim, muda bastante. Essa história de você poder produzir seu próprio alimento é revolucionário. Porque a produção alimentar em massa hoje, pra grande massa, ela é qualquer coisa. Esses dias comprei trinta ovos, era seis reais. Que galinha é essa? Deve botar três ovos por minuto. É

um negócio que é feito pra empurrar mesmo, assim, de qualquer jeito. Eu até tenho uma criação de galinha aí, mas ainda não está a ponto de me oferecer ovos caipiras, então estou aumentando a população. Na medida do possível a gente vai ajustando as coisas pra poder retirar ao máximo as coisas daqui. Mas a produção alimentar hoje no Brasil tem muito agrotóxico... Essa época que é boa pra comprar morango, você vê uns morangos, uns bitelão desse tamanho... Você fala: “não, isso não é coisa boa, barato desse jeito? A dois reais uma bandejinha de morango?” Não, isso não é normal. Isso deve ter um negócio, não é possível... E é! Então, de certa forma eu estou tentando aqui gerar o máximo de alimento que eu puder pra poder criar uma pequena independência nesse sentido.

Domingos: E você tem duas filhinhas crescendo aqui neste quintal?

Cacai: É, tenho duas. Tem uma que está pequenininha ainda, está com quatro meses. A outra mais velha está na escolinha. E ela também já tem uma ótima relação aqui... Tem uma coruja que ficava ali na árvore durante o dia, então de vez em quando a gente ia lá conversar com a coruja. Essa tem dois anos e nove meses, já tem uma certa independência, já sai andando e quando você vê... Eu estava no estúdio ali esses dias e a mãe procurando ela olhou pela janela - ela estava andando aqui sozinha, já indo pro estúdio. Eu cheguei lá, ela: “oi papai!” Então ela já tem a independência dela, está criando uma certa independência. Agora que a temperatura vai ficar mais fresca ela consegue vir aqui fora com mais facilidade. E reconhece algumas plantas, o pequi mesmo ela já reconhece. A gente sai pra andar na trilha que tem aí pra trás, eu falo: “vamos passear na floresta”, e vamos passear na floresta. E ela fala dos passarinhos... E falo o passarinho que está cantando, que eu também comecei a ter um pequeno entendimento de cantos de pássaros, sabe? Um colega, inclusive o ogã que gravou no Casa do Chapéu, ele é criador de pássaros. Então ele me passou uns macetes pra atrair pássaro, entendeu? E eu crio pássaro solto. Então aqui tem muito pássaro, tem uma infinidade de pássaros. Eu ouço o canto e já sei, mais ou menos, quem é que está cantando. Então é um lugar muito bacana de se viver...

Domingos: Quais pássaros que passam por aqui?

Cacai: Ah, tem tucano, tem muita saíra, tem saíra amarela, tem saíra macaca, tem saíra azul, que em alguns lugares chamam de saí. Tangará, tem gente que chama de tangará. Tem alma-de-gato, que é um pássaro bem alto bem grande assim, ele tem um rabão comprido. Tem trinca-ferro, tem muito sabiá, tem sanhaço, muitos tipos... Tem sanhaços cinzento e tem um sanhaço que é um sanhaço alaranjado, chama sanhaço-fogo, é lindo, esse vejo muito pouco. Tem pipira, tem muito canário, tem canariozinho que é um canariozinho pardo. Tem muito tico-tico. Tem uns papagaios danado que querem viver dentro do forro de casa também! Tem siriema pra caramba. De vez em quando a gente encontra as siriemas aí soltas, no meio do mato. Então esses aí eu já tenho um pouquinho de conhecimento quando está cantando. Eu botei uns comedouros ali também com fruta e aí eles vêm. Tem até uma tática interessante que você bota a fruta e tal, aí você bota o canto dele no You Tube... Aí logo, logo, eles vêm, é impressionante, quinze segundos eles já aparecem. Você bota o canto

assim do canário, “tatatá...” Logo, logo, ele está pousando ali pra comer. Essa tática aí foi esse colega que me ensinou, sabe? Porque ele cria pássaro pra cantar mesmo, ele diz que bota o CD e deixa ali do lado do passarinho pra ele aprender a cantar, entendeu? *[Risos.]* É cabuloso, não é? Ser humano! *[Risos.]*

Sara: E como os cantos todos vão adentrando na sua música dos pássaros e também do cerrado?

Cacai: É, então... Eu até fiz uma música recentemente que não tem nenhuma relação mesmo direta com o canto, com o tipo do canto não. Porque o canto é um canto muito rápido, o canto da saíra, dessa saíra amarela. E aí eu fiz uma música sentado no sofá ali... Eu sentado no sofá, de lado pra uma janela de vidro... Fica o comedouro deles ali, a saíra estava ali. Então eu botei o nome da música “No Balanço da Saíra”, em função dessa saíra que estava ali, entendeu? Mas assim, musicalmente mesmo não tem nenhuma relação, não há uma interação direta...

Domingos: E pra você, o que é memória?

Cacai: Cara, memória... Eu acho que é uma das coisas que mais me move, ultimamente, é mexer com memória. Não sei, talvez revirar algo que a gente não viveu, tentar se aproximar de alguns valores que talvez a gente não tenha interagido. Eu gosto muito. Eu sou um violeiro contemporâneo, conheço bastante coisa dos violeiros contemporâneos... (Olha o sabiazinho barranqueiro ali, passou!) Mas eu gosto muito das coisas antigas, sou um colecionador de disco de vinil, um colecionador ferrenho - meus discos são todos catalogados e organizados. Então eu tenho um interesse muito grande, principalmente nessa memória musical, essa memória discográfica. É algo que me atrai bastante. De certa forma eu posso dizer que eu sou uma parcela que talvez não tenha tanta memória dos meus laços natalícios, digamos assim, das minhas relações com a minha terra. Exatamente por ter saído muito cedo de Recife, minha família praticamente ficou toda lá, os tios, primos. Outros saíram também, foram pra São Paulo, mas a grande maioria está lá. Então não tenho muita relação com família. A minha família mesmo é meus pais e meus irmãos, meus sobrinhos, minhas filhas, minha companheira. Família de sangue mesmo eu não tenho muita memória com eles. Então talvez acho que essa revirada que eu dou nas coisas, de conservar um repertório, de manter um programa de rádio que toca essas coisas, de tocar esse instrumento ancestral, de ter um veículo automotivo antigo e que carrega também muita memória... Acho que é em função também disso, de eu ter perdido um pouco da memória nessa vinda pra Brasília. Comecei praticamente do zero aqui, já com cinco anos de idade, muita coisa ficou pra trás. Quer dizer, muita coisa ficou pra trás não, muita coisa deixou de ir pra frente. Talvez as coisas que eu poderia ter me apropriado culturalmente mesmo em Recife, sei lá... Coisas de tradições... Apesar de que muita coisa veio com os meus pais também. Meus pais são nordestinos também e muita coisa, claro... Minha mãe é comedora de cuscuz com mugunzá, gosta de mugunzá, gosta de carne de sol, entendeu? Gosta de pirão. Então essas coisas acabam vindo com a gente e você também se sente um pouco mais

nordestino por isso. Meu interesse por Luiz Gonzaga também veio dos discos que meus pais tinham e eu acabei herdando algumas coisas e tal. Mas acho que esse meu interesse pela memória também deve ser também em função dessa ruptura nesse ciclo de vida. Em função de ter vindo morar em Brasília.

Domingos: Tem o “Acervo Origens” também, que é um outro projeto seu?

Cacai: A grande matriz de tudo que eu faço relacionado à música é o “Acervo Origens”. Esse projeto “Um Brasil de Viola” é “Acervo Origens”. O meu forró de vitrola também é “Acervo Origens”. O programa na rádio também se chama “Acervo Origens”. Então o “Acervo Origens” é a grande matriz, é a grande mãe de tudo o que eu faço relacionado à música, tem o “Acervo Origens” por trás. Tem essa intenção de perpetuar essa memória musical e de refazer essa musicalidade a partir da minha obra, também tudo voltado ao “Acervo Origens”. Então o “Acervo Origens” tem um acervo de vinil que vai além até do acervo de discos de vinil, mas majoritariamente é discos de vinil. Tem os trabalhos de pesquisa *in loco* por aí. Tem o forró de vitrola. Tem umas trilhas sonoras que eu faço. Então tudo é “Acervo Origens”. O estúdio que está aí pra quem quiser gravar é tudo voltado a essa temática do “Acervo Origens” mesmo.

Domingos: Você se sente candango? O que é ser candango pra você?

Cacai: Candango mesmo não, porque candango foram os que vieram pra cá pra construir a cidade. Estou falando da parte mais construção civil mesmo. Apesar que existe uma tradução de candango que eu não sei agora ao pé da letra, mas eu acho que sim. Hoje em dia, quando vão me divulgar em alguns lugares, falo pra colocar que eu sou do DF. Quando vou me apresentar, “eu moro no interior de Sobradinho”. Não é nem interior de Brasília, é interior de Sobradinho, porque aqui é Sobradinho. Então eu estou dentro do DF, acho muito emblemático você demarcar um território. Apesar que eu devo muito a Brasília, cresci em Brasília e tal. Mas hoje em dia costumo dizer que sou de Sobradinho, estou dentro do DF. Mas não sei se sou candango... Mas tenho um apreço muito grande por esse espaço, por essa região sim.

Domingos: E pra você, o que é a vida?

Cacai: Cara, a vida é um estalo. Um estalo e ao mesmo tempo uma oportunidade de aprender, de progredir. Basicamente isso: aprender e progredir.

Domingos: Se você fosse uma música, qual seria?

Cacai: Cara, se eu fosse uma música, eu queria ser um forró. Queria ser um forró porque mobiliza muita gente. Muita gente se encontra, muita gente interage, muita gente se envolve, muita gente já casou, muita gente já beijou, muita gente já gozou, muita gente ainda vai aproveitar. Então, acho que se eu fosse uma música, queria ser um forró.

Domingos: Se você pudesse deixar uma espécie de conselho pra quem está começando na jornada da viola, na produção, de ser um artista hoje no Brasil, especial voltado para a viola?

Cacai: Esses dias eu vi exatamente mais ou menos essa mesma questão, o Hamilton de Holanda respondendo. Vou tentar mais ou menos me aproximar do que ele disse. Primeiro eu digo que ouçam muita música. Conheça vários estilos de música, não fique restrito unicamente e exclusivamente à música feita por violeiros e na viola. Claro, aprofunde-se nisso, mas conheça outras coisas que são feitas, músicas de outros continentes, de outros países. Utilize muito o ouvido como um instrumento. Estude o suficiente, nunca demais. Estude o tanto que lhe é cabível para te dar prazer e para dar resultado. E isso: mergulha e mergulha mesmo porque a viola é um universo ainda a ser descoberto. Cada vez mais a gente aproveitar do que ela tem para nos oferecer. E interaja com muitos músicos, toque várias músicas, conheça compositores, conheça outros intérpretes. Acho que é mais que suficiente.

Domingos: A viola acaba sendo um divisor de águas na vida de quem já era músico. Às vezes a pessoa tocava um outro instrumento e profissionalmente ela ainda não tinha acontecido, de repente a viola abre um campo...

Cacai: É, pra mim foi assim. Principalmente na parte de composição. O instrumento, por si só, você pega nele e ele já sai tocando quase sozinho. Quer dizer, tinha ali uma interação bem rápida. Eu costumo dizer isso pra quem está aprendendo a tocar. A pessoa fala: estou em dúvida, do violão ou da viola. Eu falei: cara, se você quer tocar um instrumento que te dê tesão, toca viola. (Olha aí, fui falar do tucano... O bichinho ali, baixinho!) Eu costumo dizer isso sobre a viola, entendeu? A viola te conquista muito rápido. Eu me senti conquistado por ela rapidamente quando eu comecei a fazer músicas muito rapidamente, comecei a interagir fácil com o instrumento. E entender essa questão do braço, da harmonia, de explorar o braço na sua plenitude, não ficar restrito somente às posiçõeszinhas mais banais assim, mais fáceis, mais lógicas, digamos assim. Que o instrumento é bem lógico. Um instrumento muito fácil de se compreender. Se você tiver um raciocínio um pouco mais lógico também. Mas... A pergunta mesmo era?

Domingos: Essa questão da viola ser um divisor de águas na vida...

Cacai: Ah sim, pois é. Então ela abriu mesmo essa questão, principalmente na composição. Primeiro que eu abandonei tudo de violão pra trás. Hoje em dia tocar as coisas de violão... Eu toco os acordes básicos. Tanto é que às vezes eu não conheço uma música, olho pro violonista assim e vejo ele tocando. E se o cara está tocando com os acordes invertidos eu falo: “bicho, não vou nem tentar aprender a música agora porque vai dar merda”. Porque não estou nem entendendo o que ele está fazendo. Porque às vezes você ouve, assimila uma coisa, mas você olha pro instrumentista que está do teu lado e você fala: “ah, acho que dá pra ir, principalmente numa roda de choro, não é”? Mas o violão teve também um

desenvolvimento muito grande de alguns anos pra cá. E eu torço pra que isso aconteça mesmo na viola, sabe? Pra que a gente tenha uma ampliação maior ainda de repertório pra viola, de abordagens diferentes pra viola, de sonoridades diferentes pro instrumento. Porque é um instrumento que tem uma gama de harmônicos dentro dele muito grande, e seria muito interessante a gente ver novas composições pro instrumento. Sei lá, um pianista fazendo coisas pra viola... Eu gosto de tocar coisas inclusive de pianistas, do Ernesto Nazareth, por exemplo, eu acho que combina muito bem com viola. Enfim, acho que foi isso: um instrumento que, principalmente nessa questão de composição, abriu minha cabeça pra caramba.

Domingos: Só uma pergunta que ficou pra trás: nos anos oitenta tem essa coisa de “Brasília capital do rock”. Como que você vê essa definição?

Cacai: Ah, isso aí a gente vai carregar pro resto da vida. A geração Rock Brasília. Claro, a cidade teve um momento em que muito do que se fazia era nesse contexto de rock. Ainda tem muito rock, eu mesmo toquei muito rock. Eu mesmo ia pra show de punk, ia pra show de heavy metal, ia pra show de... Não sei mais. Ratos de Porão fui ver, fui ver Exploited, fui ver várias coisas em Brasília, que eu era roqueiro. Mas é aquilo que eu disse, é uma cidade em que não se estabeleceu algo como sendo de Brasília. Hoje em dia você não identifica assim o rock: “ah, essa banda é rock de Brasília”. Você não consegue mais fazer isso. Talvez até mais, os instrumentistas, por exemplo, de choro: Rogério Caetano, Hamilton de Holanda, Gabriel Grossi, o Thiago Tunes, que é um outro bandolinista da pesada. Você tem outros instrumentistas que já saíram daqui... Aí você liga isso ao choro: então também é uma capital do choro. Brasília é uma capital do choro porque tem o Clube do Choro, tem a Escola [de Música de Brasília], tem as pessoas que aqui vivem esse repertório. Então eu não sei se hoje em dia a gente pode afirmar... Mas é aquilo que eu disse, vai continuar o resto da vida falando disso, “Brasília, a capital do rock, Brasília a capital do rock”. Nos anos oitenta era, hoje em dia não sei se é. O Porão do Rock está aí com vinte anos perpetuando a história do rock. Que fique mais vinte, quarenta, sessenta, mas cultura é transformação. Cultura que fica engessada e congelada, ela derrete. Cultura é isso, a cidade também tem que se transformar. O instrumento está se transformando, a viola está se transformando, as guitarras estão se transformando. As violas tocam hoje em dia o que as guitarras tocavam antigamente. Então é isso, vamos se transformando, a cidade também há de se transformar.

Domingos: Poderia tocar mais alguma?

Cacai: Posso. Vou tocar essa nova que eu fiz, o “Balanço da Saíra”. “No Balanço da Saíra” que também é um maxixe, é um batuque, né, pra viola a gente pode chamar que é um batuque, mas é na mesma estrutura de um choro, com três partes, tá?

[Toca na viola caipira a música instrumental “No Balanço da Saíra”, de sua autoria.]
